

FILOSOFIA DAS PASSAGENS

*Manoel L. C. Teixeira
lagoadoboi@gmail.com*

Resumo:

A História de Vida do cidadão se materializa como construção e participação nos mais diversos tipos de situações; porém, aquela que traz o cerne do movimento histórico da civilização, por cada ser humano, ultrapassa nossas mentes que, hierarquizadas pelas estruturas de pensamento voltadas para a produção do fetiche do ser humano, parecem mercadoria de consumo e outras tentativas de nos desprover de qualquer sensibilidade artística. A passagem da Filosofia Matemática para a Filosofia da Educação Matemática é uma questão que se constitui nos paradigmas da atualização da cultura educacional. Nesse sentido, constituem-se as inovadoras Filosofias da Etnomatemática e das Passagens. Como o método científico toma novo rumo para fins de uma cultura educacional transformadora, passamos a acreditar, a partir dos tempos de exercício do magistério, que as condições de implantação da Filosofia das Passagens podem ser o eixo principal para novas pesquisas em Educação Matemática para a escola básica.

Palavras-chave: História de Vida; Filosofia das Passagens; Filosofia Etnomatemática; Ateliê de Matemática; Filosofia da Matemática.

1. Autobiografia

Nasci numa vila do interior baiano e, até os sete anos, o meu mundo girava na Serra dos Maracás. Fazia um frio danado lá por aquelas bandas. Lembro-me da preparação das balas de barro, sob a luz de um candeeiro, para, no outro dia, eu e meus irmãos usarmos na caça aos passarinhos.

Sáimos cedo de casa, o dia começava a clarear. Embornal debaixo do braço, bodoque na mão. Aquela noite de preparação das balas tinha sido a primeira participação no mundo do matar e viver, da sobrevivência, mais dos passarinhos do que da nossa, já que para nós, a caça era encarada como um esporte.

Existia na minha cabeça a responsabilidade de entrar nas brincadeiras dos maiores, queria fazer bonito, matando bastantes passarinhos para justificar outras idas à caça. De nada podia reclamar, eles tinham o bodoque ajudando-me a fazer, e o embornal estava cheio de balas. O quintal da casa de Coscota e Biora nos foi cedido de bom grado, com a condição de não jogarmos pedras nas árvores frutíferas.

O sol já batia forte naquele dia de verão em Maracás e o meu embornal continuava cheio de pedras. Caminhava por entre as árvores ouvindo os passarinhos e me esquecia de

armar o bodoque. Quando dava por mim, pegava uma bala rapidinho no embornal, engatilhava o tiro, mas, quando apontava, não via nada, o passarinho tinha ido embora. Às vezes, lembrava-me da caçada, fazia pontaria, porém nunca acertava. Meu irmão tentava dar ânimo, mas eu não ligava, passava as balas que eu tinha para ele. Não me lembro de ter ido caçar novamente com a turma da vila de Maracás.

Na vila, havia um Prédio Escolar, e foi um custo arranjar uma professora que quisesse dar aula naquele lugar tão distante. Melhor para mim. Estava chegando aos 5 anos e, de vez em quando, apareciam, na escola, os meus pais e a minha mãe de leite, que sempre estavam me cobrando: “Não vai à escola hoje, Manoel?”. E eu respondia: “Ta-ralá, minha vida é boa”. Eles riam e eu continuava sumindo nos matos da serra, passeando na ladeira do Lagadiço, chupando jabuticaba no pomar da casa de minha avó. Escola era só de se visitar.

Em 1954, mudamos para uma cidade onde havia escolas para ninguém botar defeito: católica, protestante, pública e até professor que dava aula em casa, formando garotos e garotas com diploma nos primeiros anos de escolaridade. Nesse ano, estava estudando no Luzia Silva, fazia a classe de alfabetização, até gostava das freiras, eram carinhosas, e o ambiente com os colegas tinha aconchego.

Estava num dia de outubro, no calor dos colegas e na companhia das duas professoras da minha turma, quando recebemos a notícia da morte de Getúlio Vargas, dada solenemente pela Madre Superiora. Quando a ouvi dizer que as aulas estavam suspensas por três dias, em luto pela morte do presidente, dei três pulos e bati palmas. O silêncio se fez presente por alguns instantes. Todos olharam para mim com cara de reprovação. Justifiquei-me dizendo que o campo de futebol estava quase pronto e, assim, íamos ter bastante tempo para concluí-lo e jogar o campeonato entre os três times mirins de Jaguaquara.

Fiquei mais um ano no Luzia Silva por motivos econômicos. Éramos dez filhos. Fui ser aluno na escola da minha irmã mais velha. Aí começavam as cobranças mais fortes em relação aos estudos. Fui um péssimo aluno, pois não conseguia dar conta do recado. Fui para outra escola, na casa da professora Ieda, mas continuei passando de raspão nas matérias. Todo mundo se queixava da minha letra.

D. Ieda me botava de castigo após as aulas. Eu chorava, ela ria. Eu sapateava, ela ria mais ainda. Não gostava dela. Sempre queria dar a lição a D. Ilda, mãe da professora.

Acertava tudo da lição. Como se não bastasse o meu sofrimento, D. Ieda desconfiava da mãe, dizendo que não acreditava no que ela dizia de minha aplicação em relação à leitura.

Hoje, quando escrevo essas recordações, emociono-me, tenho vontade de seguir remendando a história da minha escolarização. No entanto, para os fins de breve leitura, fico por aqui, imaginando as relações de continuidade, entre a minha aversão à escola nos primeiros anos de vida e o ensaio que eu e uma colega apresentamos no I ENEM, intitulado “Matemática e Alfabetização”, e as atividades elaboradas por mim, em que estabeleço relações entre a alfabetização e a construção do número.

2. Introdução

São exemplos de línguas difíceis de serem comunicadas: os conceitos matemáticos e toda a lógica que os estrutura. Com isso, a necessidade de uma nova interpretação de toda a Matemática, para fins de fundamentar os processos construtivos desses conhecimentos desde a idade da alegria – de 0 a 6 anos – até a finitude alfabética, em diversas áreas, se traduz na ação de teorias e práticas transformadoras.

A Educação Matemática tem cuidado da construção desse processo. A alfabetização matemática, por exemplo, tem levado a argumentar sobre a inserção da cultura na prática pedagógica, e é nesse sentido que surge o *Ateliê de Matemática: movimento Ciência e Arte*, delineando os caminhos das diversidades linguísticas matemáticas, ou seja, os dos conhecimentos matemáticos diferentes do estabelecido, como as culturas indígenas, as práticas dos feirantes e as de pessoas que, de forma embrionária, se relacionam com a Matemática, seja por intermédio da leitura seja da escrita.

Algumas categorias exercem uma Matemática própria, além das acima citadas. Este é o caminho da procura dos laços estabelecidos entre essas diversas culturas ou ramificações de linguagem superior, porque estuda a língua por meio de vários saberes, como a História, as Filosofias, a Psicologia, entre outros, para além daqueles comunicados pelas Matemáticas. Nesse viés, o dote da herança herdada dos ancestrais, os quais, há milênios, transformam a realidade em conhecimento teórico, é exemplo dessa cultura secular.

Na obra de arte, construção coletiva derivada das diversas culturas, surge uma nova linguística, mas o estudo dos símbolos e dos significados que a norteia não é aquele pertencente à racionalidade, aos objetivos e, principalmente, ao devir de uma formação que não admite o contexto diferenciado. Essa nova linguística brota sim da capacidade de o

indivíduo se expressar e fazer Matemática naturalmente, já que procura acelerar, nesse encontro de palavras, textos e intertextos, a realidade vivida por cada ser humano em sociedade. Além disso, contempla a orientação do futuro promissor dos novos agentes das transformações sociais e suas alternativas de compreender o mundo à sua volta, dando significado próprio à descoberta do nascer da criatividade.

Os conceitos presentes no fazer artístico se contrapõem ao fazer científico: este, regido pelas normas executadas pela máquina do pensamento formal; aquele, transformador da visão unilateral da linguagem matemática, ela por ela mesma, para a visão bilateral das linguagens, pois sempre é possível articular as interfaces. Matemática e Artes, desse modo, se encontram nas trocas de saberes e reorganizam o estado da arte dos processos criativos em cada sujeito.

A natureza do pensamento matemático tem na escrita os condicionantes de entendimento do intelecto humano. No entanto, como isso acontece se suas raízes epistemológicas apontam para a ordem da razão? Na verdade, o pensamento matemático engendra uma escrita secular, exposta nas transformações exigidas pelo tempo, na passagem da Filosofia Matemática para a Filosofia da Educação Matemática. Estas são questões que se constituem nos paradigmas da atualização da cultura educacional.

3. Filosofias Imbricadas

A Filosofia Matemática prepara o terreno em que o matemático atua de forma segura. Assim, como basilar das formas bem constituídas, emerge o saber pronto para ser objeto de aplicações em inúmeras áreas e na central dos produtos de urgentíssima necessidade. Um exemplo disso foi a máquina de escrever.

Nesse contexto, a escrita tem um instrumento de objetividade, está a serviço do que se chama de progresso da civilização. A digitalização, desse modo, se tornou tão fácil com o advento da era tecnológica que a substituição da máquina de escrever pelo computador deixa os sujeitos de bem com a vida. E é assim que acontece na maioria dos descobrimentos matemáticos.

Antes da máquina de escrever, a mão fazia a passagem para o papel do produto intelectual. Desse modo e de outros, compreende-se a razão do “pouco caso” com a escrita educacional. Afinal, a repetição do que fazemos é válida? Mesmo que a letra saia torta e errada? Um dia vai se saber dar valor à ciência.

Nessa perspectiva, a Filosofia Matemática contribui, de forma inequívoca, para as conquistas mais elevadas do poder científico. Ao que parece, essa idealização é irrefutável, pois não vale a pena usar as mãos para escrever. Tudo ocorre de maneira tão rápida e objetiva que o mundo do “devagarinho”, do “sem pressa”, remediado de leituras e papel, não remete mais ao pensar na filosofia da vida cotidiana. Nesse sentido, a radicalização filosófica do viés tecnológico é preocupante.

A Filosofia da Educação Matemática, pronta a emergir nessa variedade de pontos de vista, tem se fundamentado na educação como forma de progresso e desenvolvimento não só pessoal, tampouco individualista, como se traduz a energia que decorre do uso acentuado das novas tecnologias. Falta, nesse processo deteriorado das relações humanas, o mais confortável, o querer olhar para as práticas educacionais passadas.

Aparelhos como o retroprojeter foram substituídos pelas novas engenhocas do mercado, visto que se vive, sem dúvida, a era da expansão tecnológica acelerada. Mas é sabido, pelo próprio uso, que a manutenção desses arquétipos é cara. No tecnicismo, uma lâmpada do retroprojeter tinha custo elevado e, com isso, o tempo de vida do aparelho era o tempo de duração da lâmpada. Ademais, o governo não podia arcar com tais despesas e, desse modo, a tecnologia ficava no arquivo morto, situação que acontecia, principalmente, no ensino básico. Como essa situação será sustentada com relação aos computadores que necessitarão de manutenção e de técnicos?

A incorporação das tecnologias como tendência da Educação Matemática já acontece. Como se sabe, existem várias tendências nesse campo de pesquisa: Educação Matemática e Novas Tecnologias, Educação a Distância, História da Matemática e Cultura são algumas delas. Disso prontamente decorre o olhar transdisciplinar da área, o qual incorpora a cultura em seus propósitos. Aqui, destaca-se o surgimento da Filosofia Etnomatemática na interface entre a Filosofia da Educação Matemática e a Filosofia Matemática.

4. Filosofia Etnomatemática

O conhecimento embrionário antecede o fazer da construção concreta na passagem para a linguagem usada pelo saber, o que levará à formalização ou à sistematização do saber estabelecido pelo movimento das diversas correntes do pensamento atual.

O fato de se supor a possibilidade de fazer matemática fora da visão estabelecida, da razão como pano de fundo para a aquisição de conhecimentos, evidencia a situação de

especulação no interior da Ciência Matemática, sobre o seu processo de criação e sobre o seu arcabouço teórico.

O método matemático explica e dá validade, o que se torna a cultura do método científico, cultura praticada pelos cientistas e por aqueles que usufruem de suas descobertas. Com isso, desenvolve-se a filosofia da produtividade, em que a escala industrial de produção acelera o processo de novas técnicas.

No campo da pesquisa em outras áreas das ciências, como a Sociologia, a Economia, a Psicologia, a Língua Materna e outras, o modelo científico também se faz presente. Já a Ciência Matemática tem suas raízes estabelecidas em não mais do que quatro modalidades filosóficas – o logicismo, o formalismo, o intucionismo e o estruturalismo – e, além dessas filosofias, podem ser citadas aquelas que contemplam religiões ou crenças. A Filosofia da Cultura, em geral, explicita como essas filosofias normatizam a maneira de pensar, já que não se dá conta disso ao agir segundo ditames e pensamentos coordenados, cuja função é orientar os sujeitos a seguirem determinadas formas de comportamento.

Por trás do método está o suporte filosófico que orienta a capacidade de operar conceitos, fórmulas e um amontoado de esquemas simbólicos, dificuldade encontrada por muitos para lidar com esse tipo de teoria. Os sujeitos estão moldados por essas formalidades de filosofar sobre a ciência atual.

A Filosofia Etnomatemática, considerando outras culturas que devem fazer parte de todo o universo de conhecimentos das práticas seculares, se apresenta como corte que se processa pela necessidade de ampliar a cultura científica e seu método. A Arte, por exemplo, se coloca como meio de fazer a articulação entre o que se destina aos poucos estudiosos e aos pesquisadores das ciências, com suas criações voltadas para a individualidade, o confinamento, a expansão de territórios, cada vez mais, demarcados por pequenos grupos e etnias. É a presença do artista que muda essa ambivalência, do ser uno que se justifica na plenitude da escassez do pouco desenvolvimento do seu outro lado desconhecido. Trata-se aqui da revolução entrelaçada nas mudanças de estruturas das capacidades de gerar combinações de uma nova cultura social.

A Filosofia aqui tratada, a Etnomatemática, se compõe de valores éticos com a participação de todos e se estende à visão da cultura de cada povo, nação ou grupos minoritários. Na educação, encontra-se o passo a ser dado adiante, uma vez que se fala em bem estar, desenvolvimento e civilização na construção dos caminhos de uma vida de qualidade.

Com o avanço das técnicas, problemas sérios de adaptação à nova era de prosperidade ganham relevo. Não que não sejam de interesse geral e de inserção ativa da população no seu domínio. A crítica tem outra raiz. No caso, o sistema micro de participação efetiva dessa tendência na educação disfarça outras micro realidades desprezadas em decorrência da observação do mundo que funciona sob o domínio da máquina.

Nesse contexto, o processo de cristalização filosófica da Etnomatemática está na ordem do dia, já que se trata da filosofia que leva a arte e encaminha o processo criativo para a superação da crise evidente. Essa resposta já é dada por muitos dos que emergem das raízes da ciência positivista, como é o caso do passo a ser dado por mais 25 anos de Educação Matemática brasileira.

O surgimento da Educação Matemática mundial tem mais de 100 anos. Nesse tempo, alguns sabiam de sua existência, embora a maioria dos professores brasileiros não a conhecesse. Em 1987, surgia o movimento que fundou a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) e, passados 25 anos, o trabalho tem sido incansável para levar propostas que transformem o ensino de Matemática em Educação Matemática. Será que é necessário esperar mais 25 anos para que as condições de trabalho e a efetiva atualização das ações governamentais sejam consideradas satisfatórias pelos educadores matemáticos?

Uma lógica de pensar não torna um raciocínio uma verdade tão expressa que se fundamente na absolutização, assim como a verdade do pensamento não deve ser explícita somente nas diretrizes da lógica matemática. A razão lidera a parte essencial do corpo, o cérebro, cujas modalidades são duas: a direita e a esquerda. A esquerda comanda, e a raiz da situação dos pensamentos de ordem superior está no privilégio dado ao raciocínio abstrato, pensamentos que originam e provocam a redução de toda a atividade cerebral ao império da razão. O guia são esses tipos de saber intelectual e, nesse âmbito, o método científico traduz, em termos de objetividade, a cultura de fazer ciência.

O lado direito do cérebro, submetido aos ditames do lado esquerdo, comanda, de forma inequívoca, toda a ação relativa a situações de tomada de decisão e tensão causadas pela força que não se propunha a tal submissão. E é nas Artes que a distensão dessa situação acontece. Ao executar as tarefas, por exemplo, do desenho, o lado direito do cérebro força a passagem da situação dominante do lado esquerdo. Assim, aos poucos, mesmo sem dar tréguas, o pensamento lógico cede lugar aos efeitos da criação da obra de arte, como Edwards (2000, p. 12) esclarece:

Professores de escolas públicas também estão usando o meu livro. Depois de 25 anos de cortes orçamentários nos programas de artes na escola, tenho a satisfação de informar que secretarias estaduais de educação e conselhos de escolas públicas começaram a se voltar para as artes como uma das formas de recuperar os nossos sistemas educacionais carentes.

5. *Ateliê de Matemática*: mostra da diversidade

Nos seus 25 anos, a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) apresenta sua história e sua cultura e se entrelaça ao espaço de representação dos indivíduos que podem e devem ser criativos. Nesse contexto, de início, foi exposta a coleção de 15 bolsas dos vários congressos, simpósios e outras modalidades de organizações entre pessoas que se envolveram e levaram adiante o marco do movimento hoje conhecido como Educação Matemática Brasileira.

Houve a exposição de quadros, livros, jogos, vídeos, portfólios, pôsteres, literatura e retratos que marcaram a presença de alunos e professores no caminho de descortinar novos horizontes no ensino-aprendizagem da Matemática. Esses objetos são as referências da atuação de artistas incorporadas ao fazer científico, momento em que o lúdico se contrapõe à rigidez e à eficácia do método científico.

Desse modo, as práticas se juntam às teorias que fundamentam a Educação Matemática no *Ateliê de Matemática*, articulação que se expressa no movimento entre ciência e arte.

O *Ateliê de Matemática*, com a exposição itinerante, a música, a dança, as artes plásticas, entre outras atividades, realiza sessões coordenadas com apresentações e posterior debate, entrelaçando as linhas divisórias e os encontros entre História, Cultura e Educação Matemática.

A imagem que segue é exemplo de arte que nos permitem dialogar com outros campos do conhecimento. A Educação Matemática incorpora, assim, a vivência que todos têm ao longo da vida, a inexorável presença de tudo em nós mesmos, o que se tem para dizer, para aprender. Trata-se da própria construção do movimento que afirma a transdisciplinaridade acontecendo no agora. Esta é a proposta mais urgente: trazer para o debate a realização dos anseios de uma nova era de filosofia que muda o ambiente, a palestra, a aula, o tempo presente, e transformar o que existe sedimentado, homogeneizado e formalizado nos universos vivenciais de cada um.



Figura 1: Outros Ângulos
Fonte: Facebook (2012).

O espaço positivo é a matéria, a que se vê representada pela parte do corpo humano e o assoalho. O que se chama de espaço negativo é o que não é matéria no desenho: o branco do papel, as arestas, os contornos, as linhas, as curvas em branco. Trata-se da topologia e da geometria na visualização artística de OUTROS > * < ANGULOS.

6. O Ser Humano

A figura humana representa pelo corpo e pelos pensamentos a escrita e a leitura do mundo, o que é apenas uma parte dos infinitos modos de ser gente. A interpretação do ato de leitura, em si, já deixa as marcas de exemplos dessa fantasia.

Assim, quando eu digo: ler possui uma reiterabilidade própria, remetendo a um hábito de leitura, entendendo não apenas a repetição de uma certa ação visual, mas o conjunto de disposições fisiológicas, psíquicas e exigências do ambiente (como uma boa cadeira, o silêncio) ligadas de maneira original para cada um dentre nós, não a um “ler” geral e abstrato, mas à leitura do jornal, de um romance ou de um poema. A posição de seu corpo no ato da leitura é determinada, em grande medida, pela pesquisa de uma capacidade máxima de percepção. Você pode ler não importa o que, em que posição, e os ritmos sanguíneos são afetados. É verdade que mal concebemos que, lendo em seu quarto, você se ponha a dançar e, no entanto, a dança é o resultado normal da audição poética! A diferença, porém, aqui é apenas de grau. (ZUMTHOR, 2000, p. 37-38 apud KEFALÁS, 2012, p. 74).

É nessa condição fantasiosa da leitura, da dança e da audição, que surge a ideia de interpretação de mundo, do corpo e dos pensamentos exibidos pela consciência. Os sujeitos fazem parte de um todo, de uma identidade como criadores de Artes, situação interpretada por Kefalás (2012, p. 76).

[...] a noção de leitura parece estar misturada com a ideia de “audição poética” (“É verdade que mal conceberíamos que, lendo em seu quarto, você se ponha a dançar, no entanto, a dança, é o resultado normal da audição poética!”). Como a leitura só com os olhos de um texto escrito pode também ser audição? O limiar entre o que é da ordem da oralidade e o que é da ordem da escrita fica interessantemente embaçado aqui, ao sugerir que a leitura de um texto escrito seja também audição.

O passo inicial de aquisição da comunicação, a identificação das realidades vividas por cada indivíduo, acontece desde antes do nascimento. A aventura de estar no mundo leva o tempo necessário para dar surgimento ao corpo que sai na forma inteira de gente, pois não se encontra dividida entre os pensamentos e a sua forma particular que ocupa o espaço já no útero da mãe.

As mãos e os olhos são alguns dos aspectos que esclarecem a condição da diferença entre os iguais. Cada um, com seu cada qual, apresenta-se ao mundo para viver um tempo definido de homem que sabe de sua existência finita. Assim, mede-se 1m65cm, com peso, agudez e informação que seduzem o ato da sobrevivência. Mas, para quê tudo isto se os valores declarados são de imposição de condições mínimas de sobrevivência? Embora a sujeição aos ditames da sociedade realize a obra da convivência entre as partes, entende-se que se movimenta muito, provocando transformações que, hoje, apresentam-se em ritmo acelerado.

Os seres não são ainda um todo que se complementa entre o interior e o exterior. A fronteira do espaço ocupado pelo corpo divide o espaço tridimensional em negativo, o que está exterior aos sujeitos e o positivo. São seres ambivalentes que constroem sua história de vida fazendo misturas, valendo-se da intuição e das ambições de ser mais potencialmente sujeito, com participação ativa nos destinos.

7. Filosofia das Passagens

A Filosofia de Vida é o modo como cada um se relaciona com a maneira de estar no mundo? Está-se diante de uma nova Filosofia de Vida que ultrapassa o pensamento moderno. Como isto acontece ou se explica no impacto da nova era desenvolvimentista?

Não é difícil compreender que por trás do aumento de produtividade esteja, necessariamente, a melhoria das técnicas e, tanto quanto, por detrás desta, a *ciência*. Em termos bem diretos: Capitalismo é o modo de produtividade próprio à Modernidade, que tem como seu núcleo exclusivo e irreduzível a *ciência* e sua lógica calculadora do mundo. (SAMPAIO, 2002, p. 145).

A Sociologia tem suas explicações a esse respeito. Marxismo e idealismo em lados opostos debatem a situação emergente de transformações que atingem consideravelmente as relações entre os indivíduos. Aqui, restringe-se a interpretação histórica a essas duas filosofias, mas a complexidade dessa argumentação é relevada.

Patrão e empregado se defrontam nos interesses das causas hoje conhecidas internacionalmente. Na Semana Inglesa de trabalho, no sábado, as fábricas não param; as exigências pelas 44 e, depois, 40 horas de trabalho semanais: “A apropriação do trabalho pelo capital, o capital absorvendo em si o trabalho vivo, se apresenta ante o trabalhador de maneira cruamente perceptível — ‘como se tivesse amor ao corpo’.” (MARX, apud DUARTE, 2013, p. 267).

A condição operária no mundo todo é uma situação emblemática, no acúmulo do capital se valendo das condições de espoliação da figura humana, o que se alastra a todos os indivíduos da sociedade, seja pela prestação de serviços bancários, seja pelas telecomunicações, dentre outros. A lista de reclamações dos consumidores é alarmante.

Benjamin (2006, p. 39-40) relata como as passagens pelas galerias (entradas por uma rua e saídas por outras) marcaram os tempos do início da primeira revolução industrial:

A maioria das passagens em Paris surge nos quinze anos após 1822. A primeira condição para seu aparecimento é a conjuntura favorável do comércio têxtil. Os *magasins de nouveautés*, os primeiros estabelecimentos a manter estoque de mercadorias, começam a aparecer. São os precursores das lojas de departamentos. As passagens são o centro das mercadorias de luxo.

Galeria Menescal no Rio, Prestes Maia em São Paulo. Em Juiz de Fora, dá-se gosto de se ver tantas galerias, umas perto das outras. Estava ali a marca do nascimento do que se conhece hoje como *Shopping Center*, alegria de consumo da burguesia ascendente, da época, o que hoje começa a se popularizar.

São muitas as relações entre indivíduos que mudam os rumos da História. Este é o motivo da complexidade desses emaranhados de possibilidades de pesquisa da condição humana. Nesse sentido, as Filosofias da Matemática se apresentam como modelo da virada da contingência, como é a razão a prova de fogo que alavanca essa tempestade de acontecimentos que deveria revolucionar as estruturas e causar a hegemonia do ocidental no mundo. Essas passagens pelas galerias levam a dizer o que é a Filosofia das Passagens.

As histórias de vida são influenciadas por diversos aspectos: o matemático, o filosófico, o religioso, as credences, a complexidade de que é feito o ser humano. Este é o processo histórico compartilhado e construído pelo movimento dialético de se estar no mundo. Aí sim, pode-se dizer que se faz a Filosofia que identifica os seres como humanos.

A Filosofia Etnomatemática é articulada com este fim: inserir os indivíduos a se sentirem fazendo parte do mundo filosófico. Nesse relato, a *introdução* traz o pensar filosófico da Matemática e da Educação Matemática. A partir delas, faz-se a nascente ser vista brotando, a Arte e a Matemática se transformam em elementos de uma nova cultura: a Filosofia das Passagens.

A Filosofia Etnomatemática transporta os sujeitos para a causa da identidade soberana, seres com todas as funções vitais em pleno desenvolvimento. A curva crescente que mostra a longevidade se apresenta como um contínuo que deixa a marca a cada ano da passagem de uma idade a outra, representando um ponto de elevação nessa curva. Assim, o tempo se articula entre sua origem como indivíduo e o desenvolvimento educacional e cultural, o que foi mostrado na história de vida pontuada pela autobiografia da alfabetização e pelo caminho profissional como educador matemático, recheado das marcas indelévels que cada um possui.

A Filosofia das Passagens eleva a condição para encontrar os caminhos que fazem o motor das mudanças na cultura educacional por intermédio da Filosofia Etnomatemática. É preciso estar atento à capacidade de filosofar e de tornar o mundo cheio de leitores e escribas e, nesse trajeto, fazer as artes de educar.

Considerar a diversidade de culturas e engajá-las no processo de construção do ser possível é a condição de materialidade dos objetos e do corpo humano, singularidade que se apresenta como transformação de realidades adversas. Duarte (2013, p. 275, tradução nossa) destaca que, em 1950, Pollack declarava que “The modern artist, it seems to me, is working and expressing an inner world – in other words – expressing the energy, the motion, and other inner forces” (O artista moderno, parece-me, trabalha e expressa um mundo interior - em outras palavras – expressa a energia, o movimento e outras forças internas).

Continuando no viés materialista, Kurz (2004, p. 120 apud DUARTE, 2013, p. 275, grifos do autor) acentua que:

A ilusão do artista, nessa chave materialista, seria imaginar que *são as suas próprias forças imediatas* que são expressas, como criadoras de um mundo radicalmente outro. Sem prejuízo de sua *autonomia*, ao contrário,

o que se apresenta objetivamente em sua cisão e exteriorização radical é antes o próprio modo *desmedido de funcionamento das forças produtivas sociais enquanto força do capital*, que põem virtualmente toda objetivação social como exteriorização e alienação (trabalho intelectual e manual taylorizado etc.). Em sua desrealização da vida e do conteúdo sensível, a arte "deve macaquear o fim em si do capital, que gostaria de se emancipar de conteúdo material [...]. *A arte pela arte é simplesmente clímax da arte como caricatura involuntária do capital*".

A potencialidade da filosofia das passagens para as pesquisas no campo da Educação Matemática está na crítica que fazemos à escrita matemática no que toca, sobretudo, as dificuldades de os estudantes se expressarem nela.

Benjamin (2006) contribui com esse debate com o materialismo histórico interpretado na dimensão da Filosofia Etnomatemática. Isto muda a cultura educacional, já que essas duas filosofias dialogam no bojo da Filosofia das Passagens. A interação entre ciência e arte, no caso da escrita matemática, e o estado das pesquisas em educação matemática podem ser analisados pela afirmação de Candido (2013, p. 1):

Importante então é o seguinte: reconhecer que a obra é autônoma, mas que foi formada por coisas que vieram de fora dela, por influências da sociedade, da ideologia do tempo, do autor. Não é dizer: a sociedade é assim, portanto a obra é assim. O importante é: quais são os elementos da realidade social que se transformaram em estrutura estética.

O método que usamos explicita as relações que se apresentam latentes em cada indivíduo. Desse modo, o sensível e o racional se relacionam nessa perspectiva filosófica no interno e no externo. No externo, a sociedade, os objetos e a natureza produzem conhecimento incessantemente. No interior, a explicação de Candido (2013, p. 1) relaciona natureza e alimento com um exemplo concreto:

A fórmula é a seguinte: estou interessado em saber como o externo se transformou em interno, como aquilo que é carne de vaca vira croquete. O croquete não é vaca, mas sem a vaca o croquete não existe. Mas o croquete não tem nada a ver com a vaca, só a carne. Mas o externo se transformou em algo que é interno. Aí tenho que estudar o croquete, dizer de onde ele veio.

Todavia, para dizer de onde ele veio, o caminho é longo. Cada ser humano é esse todo, caracteriza-se pela liberdade de desvendar, no interior, o sensível, o irracional, e, ao mesmo tempo, o todo, fora de nós, é o racional.

Além dessa formação psicológica, social e antropológica que possuímos e desenvolvemos no interior, a formação histórica de cada cidadão é contemplada pela cultura como o todo, a qual cria o movimento de passagens entre vários campos do conhecimento: Educação Matemática, Etnomatemática, Matemática, Filosofia da Matemática, Filosofia da Educação Matemática, Neurociência e Artes. O novo contexto descrito poderia se tornar um caminho a ser trilhado nas pesquisas em Educação Matemática.

Nesse contexto, a educação básica hoje, sob a estrutura conservadora que parece cristalizada, sem perspectiva de mudança, em contraposição à pedagogia freireana, está em vias de extinção.

Do sensível e do irracional para o racional, do externo para o interno, a cultura revigora as diversas áreas que se entrelaçam. Estas são questões que a Filosofia das Passagens se propõe a elucidar na prática educacional e cultural.

8. Considerações Finais

Esta é a História de Vida de um educador matemático que apresenta escolaridade desde a alfabetização passando a acreditar, a partir dos tempos de exercício do magistério, que as condições de implantação da Filosofia das Passagens podem ser o eixo principal para novas pesquisas em Educação Matemática para a Escola Básica.

A Filosofia Radical, encarnada na Filosofia das Passagens, remete ao fazer pedagógico enunciado pela Filosofia Etnomatemática. Responde aos anseios de valorização da pessoa humana. Desse modo, fica de fora a exploração que os regimes autoritários capitalistas de Estado da modernidade inculcam como o melhor meio de subsistência.

9. Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, W.; SCHÖTTKER, D.; BUCK-MORSS, S.; HANSEN, M. **Benjamin e a obra de arte**: técnica, imagem, percepção. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

CANDIDO, A. Provocações de um socialista antropofágico. **Outras Mídias**, maio. 2013. Disponível em: <<http://ponto.outraspalavras.net/2013/05/10/provocacoes-de-um-socialista-antropofagico/>>. Acesso em: 10 maio. 2013.

DUARTE, C. R. Extratos de Pollock: ou, pintura moderna e trabalho abstrato. **Sinal de Menos**, Ano 5, nº9, jan. 2013. <<http://sinaldemenos.org/>>. 17/03/2013.

EDWARDS, B. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A, 2000.

KEFÁLAS, E. **Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário**. Campinas: Autores Associados, 2012.

SAMPAIO, L. S. C. **Filosofia da cultura**: Brasil: luxo ou originalidade. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 2002. Disponível em: <<http://translate.google.com>>. Acesso em: 19 mar. 2013.